

JOGO DE PALAVRAS: INVENÇÃO, IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA INFÂNCIA

Francisca Eleneide Xavier Ávila ¹

Beatriz Torres Pires ²

Antônia de Abreu Sousa ³

RESUMO

O presente artigo tem inspiração no livro “Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças” de Javier Naranjo, professor e poeta colombiano que apresenta definições dadas por seus alunos do primário, a palavras, objetos, ideias, pessoas, lugares e sentimentos. Assim, traz uma releitura com diferentes pontos de vista das crianças de duas turmas de uma escola da rede pública de Fortaleza/CE. O Círculo de Cultura de Paulo Freire caracteriza o modo como foram conduzidas as ações que deram origem às palavras e aos verbetes criados pelas crianças de forma oral. As contribuições de Freire (1991;1996) situam as questões sociais implicadas nas falas dos sujeitos. Perceber a criança como sujeito social que pensa e reflete sobre o ambiente circundante, implica relacionar indivíduo e meio numa dinâmica interativa. Mas como a criança se percebe e se relaciona no/com o meio? Nessa direção, o artigo visa refletir sobre a participação ativa da criança no seu processo de aprendizagem, apresentando respostas pela ótica infantil e se justifica pela observação de falas das crianças em momentos de brincadeiras na rotina escolar, nas verbalizações dos seus modos de vida nas rodas de conversa, na interpretação de histórias e nas respostas inusitadas que criam sobre o que conhecem e o que desejam conhecer. Compete ao educador criar as possibilidades em que o discente se envolva em práticas na constituição como ser social numa dinâmica de ação-reflexão sobre o contexto. O uso da palavra se constitui de modo simbólico como instrumento de emancipação e de valorização do diálogo no espaço escolar. Na leitura da *palavramundo* os sujeitos se conectam com o meio que os circundam, o que se torna condição necessária para sua libertação.

Palavras-chave: Leitura de mundo, oralidade, ensino, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem inspiração no livro “Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças” de Javier Naranjo, professor e poeta colombiano que apresenta definições dadas por seus alunos do primário, a palavras, objetos, ideias, pessoas, lugares e sentimentos. Assim, traz uma releitura com diferentes pontos de vista das crianças de duas turmas de uma escola da rede pública de Fortaleza/CE.

¹ Mestranda em Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE, neidexavieravila@gmail.com;

² Especialista em Educação Infantil e alfabetização pela Faculdade Padre Dourado (FACPED), beatriztpedagogia@gmail.com;

³ Doutora em educação com ênfase em financiamento da Educação, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará -IFCE, antonia@ifce.edu.br.

O Círculo de Cultura de Paulo Freire caracteriza o modo como foram conduzidas as ações que deram origem às palavras e aos verbetes criados pelas crianças de forma oral. As contribuições de Freire (1991;1996) situam as questões sociais implicadas nas falas dos sujeitos, pois para o autor o uso da palavra compreende uma forma de autonomia e libertação.

Compete ao educador criar as possibilidades em que o discente se envolva em práticas na constituição como ser social numa dinâmica de ação-reflexão sobre o contexto. O uso da palavra se constitui de modo simbólico como instrumento de emancipação e de valorização do diálogo no espaço escolar. Na leitura da *palavramundo* os sujeitos se conectam com o meio que os circundam, o que se torna condição necessária para sua libertação.

Quando diz que *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra*, Freire, (1991) fala de uma prerrogativa indispensável que leva à compreensão de que a palavra está sempre relacionada ao entendimento do mundo, antes que se torne legível. E fazer a leitura de mundo não é apenas se perceber na dimensão territorial, mas a leitura dos modos de vida, que retratam diferentes perspectivas, tanto daquilo que é palpável, como as nossas utopias.

Perceber a criança como sujeito social que pensa e reflete sobre o ambiente circundante, implica relacionar indivíduo e meio numa dinâmica interativa. Mas como a criança se percebe e se relaciona no/com o mundo?

O presente artigo busca apresentar respostas pela ótica infantil e se justifica pela observação de falas das crianças em momentos de brincadeiras na rotina escolar, nas verbalizações dos seus modos de vida nas rodas de conversa, na interpretação de histórias e nas respostas inusitadas que criam sobre o que conhecem e o que desejam conhecer.

METODOLOGIA

O percurso metodológico foi realizado a partir de dinâmicas interativas com as crianças em contextos cotidianos de ensino e aprendizagem tendo como eixo principal, a oralidade. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa, bibliográfica e descritiva, constituindo uma pesquisa-ação.

As ações intencionais foram conduzidas no formato do Círculo de Cultura de Paulo Freire e foram realizadas com duas turmas, a primeira, de Infantil 5 e a segunda, do 1º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 5 e 7 anos de uma escola municipal de Fortaleza-CE. Como produto das ações, foi feita a construção de um mini-dicionário com verbetes criados

pelas crianças. Para a coleta de dados, utilizamos registros das ações desenvolvidas ao longo do ano letivo de 2023, fotos, vídeos, desenhos e escritas das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criança como sujeito social que faz o uso da palavra

Me reconheço muitas vezes nas saídas inusitadas, engraçadas, dissimuladas que as crianças apresentam. Com elas me encontro com um eu mais profundo, meio perdido que pulsa dentro de mim. Gostaria, em inúmeras situações poder voltar a ser criança, sem o peso do que a vida adulta amontoou sobre minhas costas, cansada de carregar fardos que muitas vezes nem são meus. O agora, o instante que nem sempre é percebido, o já, as experimentações em tempo real, é apenas vivido, é o território de supremo poder de emanar a alma límpida e fecunda da mente criativa infantil. Quero viajar sem pensar no valor das coisas, montar no tapete mágico da imaginação infantil e me contentar com a brisa no rosto, sem pensar no amanhã. Amanhã? “Ele é o depois do ontem”, o dia que não existe e que antecede o que ainda não veio. As contradições se fazem presentes, imanes e furam as bolhas criadas para separar, moldar o que não é como o mundo de regras gostaria que fosse. E o futuro que não nos pertence, nem mesmo existe. As certezas andam soltas, ao vento, sem perceber os abismos e as ciladas da vida adulta que aprisionam e corrompem.
(ÁVILA, 2023)

O reconhecimento da criatividade e das potencialidades infantis é o primeiro passo para promover ações em que as crianças possam se aventurar nas muitas possibilidades que sua imaginação alcança. O jogo de palavras no cotidiano demonstra a capacidade de articulação de pensamentos e de se sobressair de situações diversas nas interações com o outro. As falas sobre suas vivências, sobre o meio em que vivem e as experiências mais marcantes estão presentes no repertório das crianças e atravessam toda a rotina escolar. E o que fazer diante delas?

Além de apreciar as palavras nas verbalizações infantis é possível criar possibilidades de ampliar suas experiências, por meio do que elas trazem como referência para demarcar o que elas conhecem e o que precisam conhecer nas interações dentro do espaço escolar. Se este for um lugar em que a criança se sente respeitada e valorizada, são múltiplos os encaminhamentos que se pode dar na viabilização de ações que permitam seu envolvimento, criando assim, uma cultura de valorização da escuta dos interesses infantis.

A fala constitui-se de singularidades porque denota as expressões de cada indivíduo e suas percepções sobre o meio. A oralidade é desenvolvida na infância. Na interação com sujeitos falantes, a criança aprende sobre as palavras e seus significados, mas os sentidos que

cada criança dá ao que aprende é singular. Isso porque cada uma tem experiências de vida diferentes e as perspectivas caracterizam as formas distintas de perceber o mundo. É interessante ressaltar, que mesmo aqueles sujeitos que não fazem o uso oral por diferentes condições biológicas, também possuem mecanismos de interação que possibilitam a compreensão de palavras e conceitos aprendidos culturalmente na convivência com outros pares.

Conceber a criança como sujeito social pressupõe o compromisso com uma prática educativa que permita que a criança estabeleça relações saudáveis no meio, que instigue a sua curiosidade diante dos seus anseios de conhecer o mundo e tudo que nele há. “É verossímil suscitar uma educação que coloque o educando em diálogo constante com o outro, que o predisponha a constantes revisões das análises críticas de seus achados. (SOUSA et. al., 2015; p.9).”

As perguntas fazem parte da fase que o biólogo, epistemólogo e psicólogo suíço Jean Piaget denomina como pré-operatório, na obra *Seis estudos de Psicologia*, em que as crianças começam a questionar sobre o ambiente social em que vivem. Os questionamentos são fundamentais para que reconheçam quem são, quem são os outros, as formas de vida, como o mundo funciona, quais as regras, sendo ativas no processo de construção de identidade. Nessa direção, cumpre saber que a criança é, portanto,

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

O que se observa no cotidiano das ações infantis é que sendo sujeito que está em constante processo de descoberta, a criança busca legitimar suas percepções por meio da linguagem oral, tanto indagando sobre o que vê e pensa, como trocando ideias com os pares. Nessa troca dinâmica, as culturas de vida se entrelaçam e criam um repertório de vivências que singularizam determinado grupo. É assim que as crianças se constituem como sujeitos sociais, nesse entrelaçamento de ideias e ações que fazem parte de suas experiências.

É quase unânime que as crianças estão sempre ávidas pela escuta, por partilharem os seus desejos e interesses, seja na interação com os adultos ou com outras crianças. A possibilidade de se envolver com diferentes pessoas que possuem distintos pontos de vista, nas múltiplas composições na dinâmica da rotina escolar predispõe a imersão em uma cultura oral, que perpassa entendimentos sobre modos de vida de determinado grupo social a que pertencem.

A seleção do foco, por si, já coloca inúmeras outras questões: enquanto sujeitos históricos, herdeiros de e pertencentes a uma cultura letrada, não deixamos de reconhecer a existência de uma cultura oral, popular, transmitida de geração a geração. Nem deixamos de reconhecer que, no cotidiano distante dos bancos letrados, gestam-se outros modos de conceber o mundo, outras linguagens e mil formas outras de sobreviver na “cidade das letras”. (GERALDI; 2000, p. 101)

O que queremos destacar é que a junção entre fala e escrita pode apontar outras formas de pensar o indivíduo como parte de uma sociedade letrada, que faz o uso da fala e usa sinais gráficos para representá-la. Mas aqui o foco é na criança como sujeito que verbaliza e pensa sobre o mundo enquanto atua sobre ele. Cumpre também ressaltar, que a criança imerge em um processo criativo, ao dar significado às palavras que conhece e quando é instigada a expressar. Esse processo envolve imaginação, cognição e interpretação.

Assunção e Souza (2019, p.290) parafraseando Baktin dizem que

[...] a palavra só se constitui enquanto signo quando entra no cotidiano dos sujeitos, quando é pronunciada com o fito de externar e dizer algo, quando no percurso da enunciação afeta as pessoas que se interagem nesse acontecimento discursivo. A palavra exposta chama o sentido e vincula-se a uma necessidade de dizer dos sujeitos, ou seja, sozinha, a palavra não produz sentido (s). Assim posto, nesse jogo de troca linguageira, há a necessidade da permuta, da interação, do consenso e conflito pois toda orientação dialógica é própria das produções discursivas em sociedade.

A própria História apresenta elementos que hoje permitem compreender modos de vida remotos que só são possíveis pela interação que os indivíduos estabeleceram ao longo do percurso histórico. Como a escrita data muito tempo depois da origem da humanidade, é possível constatarmos que a tradição oral preservou o que hoje sabemos sobre nossa história. E só foi possível porque o homem desenvolveu habilidades de comunicação indispensáveis por meio das interações. E o repasse de tradições culturais feito de geração para geração identifica o fato de que existe um interesse coletivo em manter os costumes, hábitos e valores em processo contínuo de comunicação.

Toda essa reflexão serve para caracterizar a importância da dialogicidade e das práticas orais que são tomadas pela consciência do mundo ao nosso redor. Assunção e Souza (2019, p.291), dizem que “é através da palavra, instrumento de poder e artefato social, que as práticas sociais são e estão co-construídas, deixando ou não aparecer nuances de poder, exercícios dialógicos e resistências, vez que dialogia pressupõe posicionar-se.” Desse modo, ao integrarem uma dinâmica de vida social ativa, as crianças estão continuamente lidando com diferentes percepções da realidade que as cercam, o que pressupõe a absorção de valores e entendimentos que são próprios dos estilos de vida e da cultura na qual estão inseridas.

No entanto, no contato com diferentes formas de vida no convívio escolar, as crianças precisam aprender outros conceitos importantes para uma boa comunicação. Isso porque cada uma tem pontos de vista diferentes e anseiam pela escuta de suas experiências e esclarecimento de suas dúvidas constantes. Nessa interação, conflitos acontecem e cabe ao educador, uma postura coerente para mediar as relações que são estabelecidas, promovendo um ambiente de escuta e acolhimento de interesse infantil. Convém salientar que

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumida com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um “sine Qua” da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra que, é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente direito e deve dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. (Freire, 1996, p.116)

Freire (1996) foi muito assertivo quando discorre que na comunicação entre os sujeitos precisam ser estabelecidas algumas regras fundamentais para que os processos de fala e escuta não se tornem um monólogo, mas um espaço de profundo respeito e valorização do outro, de suas ideias, sentimentos e valores. O diálogo se constrói justamente porque existem os diferentes pontos de vista influenciados pelas formas de vida distintas e nisto aprendemos um com o outro.

“A linguagem só existe quando é ouvida, além de falada. O ouvinte é um parceiro indispensável.” (DEWEY; 2010, p. 2015). Escutar o que o outro tem a dizer é regra essencial para que se construa um ambiente democrático de aprendizagem e de saberes. É preciso ponderar que as contestações são necessárias, visto que nem tudo o que o outro acredita deve ser aceito como forma de validar uma escuta atenta. Ao contrário, nas interlocuções os saberes são construídos continuamente. O que precisamos entender é que o respeito às crenças de cada um deve ser a base de um bom diálogo.

As falas infantis reproduzem seus contextos de vida, suas percepções de mundo, que precisam fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, de modo que as crianças possam se desenvolver com autonomia. Abrir espaço de fala é permitir que elas se sintam valorizadas na expressão de suas ideias e sentimentos. A ideia de pertencimento perpassa os lugares de fala e escuta na dinâmica escolar.

A fala como artefato de comunicação, expressão de pensamentos e concepções infantis

Perguntar o que a criança sabe sobre determinado assunto, implica uma predisposição a fazer réplicas e tréplicas nos discursos que ali se organizam, com exceção dos casos em que

a criança está muito segura do que sabe e do que entende sobre o mundo que a cerca e não demonstra interesse em indagar sobre suas próprias percepções. No entanto, há casos em que ao fazerem inferências sobre determinadas palavras vão descobrindo outras armazenadas na memória que as levam a questionarem sobre suas significações. Esse jogo envolve percepção, memória, cognição e imaginação.

Nos diálogos que foram construídos ao longo da pesquisa, observamos que as crianças utilizam diferentes recursos para responder às indagações, para fazer valer suas concepções e deixar claro seus pontos de vista nas interações com outras crianças e adultos. Em alguns casos recorrem ao uso de verbos e sinônimos. Em outros, usaram o repertório que tinham disponível, o campo semântico e lexical das palavras. Pedro (5 anos) ao apresentar sua compreensão sobre animal fala uma sequência de nomes de animais: “Pato, leão, tigre”.

Outras crianças, no entanto, descrevem características e qualidades físicas dos animais.

É uma raça. (Esther, 7 anos)

Ser forte ou fraco. (Ágatha, 7 anos)

Pequeno ou grande ou preguiçoso, tipo o bicho preguiça. (Luana, 7 anos).

Sob outro ponto de vista fizeram o uso de ações relacionadas ao campo de ação da palavra em situações práticas, utilizando exemplos da vida cotidiana ou situações imaginárias para responder os conceitos de palavras, como nos seguintes verbetes:

AVÓ- É alguém que vai te ver no hospital/ Ela cuida das crianças quando a mãe sai. (Luana, 7 anos).

MACACO- É um animal que pula/ Come banana. (Nicole Sofia, 7 anos).

MOLHADO- Se uma gota cai em você, fica molhada a roupa ou um corpo. (Kennedy, 6 anos).

MEDO- É uma pessoa que vê um monstro e fica com medo. (Kennedy, 6 anos).

NADA- É uma pessoa que não tem nada na mão dela. (Kennedy, 6 anos).

A roda de conversa é um importante momento na rotina escolar em que as crianças se expressam oralmente de forma espontânea, ressignificando e aprendendo novos conceitos sobre as palavras. Outro momento relevante é a roda história, no qual as crianças podem ampliar seu repertório oral. Nessas elaborações elas têm a oportunidade de aprender e atribuir

um novo sentido aos termos que conhecem e fazem parte das suas vivências cotidianas. Além disso, essas reflexões impulsionam o interesse em fazer novas descobertas sobre o mundo.

Como exemplo dessas interações orais, trazemos a narrativa da história O tesouro de Artur, texto de Francisca Ferreira que faz parte do Programa de Aprendizagem na Idade Certa- MAIS PAIC, do estado do Ceará. Após a leitura da história, numa roda de conversa as crianças foram conceituando palavras da narrativa, buscando associar os fatos que ocorriam na história aos conhecimentos prévios que tinham sobre determinada palavra. Nessas oportunidades, as crianças foram ampliando o vocabulário e refletindo sobre as coisas do mundo alargando seus padrões de referência, por meio do que compreenderam e construíram novos conhecimentos através da história. A seguir algumas palavras da história que foram conceituadas pelas crianças:

BARRO- Vem da terra, você coloca uma coisa rolante e mexe com as mãos até endurecer. (Maria Ester, 7 anos).

CASA- É o lugar que você mora dentro, que tem comida e nos protege da chuva. É para dormir e tem goteira. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

CORAJOSO- É não ter medo, ser forte (Isadora, 7 anos).

Subir coisas altas e brincar na barca. (Ayla Melissa, 7 anos).

Ir na tirolesa e mergulhar no fundo da piscina. (Nicolly Hadassa, 7 anos).

ENCANTADO- Uma coisa mágica, de princesa. (Maria Ester, 7 anos).

FLORESTA- Tem mato. (Pedro Miguel, 7 anos).

É assustador, escuro e tem morcego. (Gabriel Alexandre).

É um lugar que tem bichos perigosos (Maria Clara, 7 anos).

Tem mosquitos e o curupira. (Luana, 7 anos).

FUTURO- É a gente mais grande, ter trabalho. É uma coisa que vai chegar. (Maria Ester, 7 anos).

É ganhar dinheiro, uma coisa mais grande. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

GUARDIÕES- Os guardas da floresta. (Pedro Miguel, 7 anos).

Protege os castelos e a rainha. (Maria Ester, 7 anos).

Protege a escola de noite. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

ÍNDIOS- São pessoas que moram na floresta (Isadora, 7 anos).

São antigos e descobriram o Brasil. (Nicole Sofia, 7 anos).

MACACO- É um animal que pula e come banana. (Nicole Sofia, 7 anos).

MEDO- É falta de energia. (Nicolly Hadassa, 7 anos).

Medo é bom porque faz a gente ter coragem. (Maria Ester, 7 anos).

MUDA- É uma plantinha para cuidar e plantar para crescer. (Maylla, 7 anos).

MORINGA- Serve para deixar a água fria, é uma garrafa enrolada com um pano. (Maria Clara, 7 anos).

OLHO D'AGUA- É uma água que tem um olho. (Nicole Sofia, 7 anos).

Um buraco que sai água e não precisa de cano, tipo cachoeira. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

PALAVRA- Palavras com letras para ler e falar. (Maria Ester, 7 anos).

Serve para ler e no futuro ter uma vida boa. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

É o nome das coisas. (Luana, 7 anos).

RIACHO- O olho que sai a água e forma o riacho. (Nicole Sofia, 7 anos).

SERRA- É uma coisa que serra. (Pedro Miguel, 7 anos).

Tipo uma montanha, mas é serra. (Gabriel Alexandre, 7 anos).

SONHO- Imaginação. (Isadora, 7 anos).

Algo que você trabalha e realiza. (Maria Ester, 7 anos).

TABAJARA- São índios que protegem a serra. (Nicolly Hadassa, 7 anos).

TESOURO- Uma coisa que a gente guarda e tem moedas. (Pedro Miguel, 7 anos).

TRISTE- É chorar, uma coisa que a gente queria e não tem. (Isadora, 7 anos).

Nesse jogo de palavras, as crianças foram fazendo associações com suas vivências, além de conhecer novos verbetes a partir da escuta na leitura da história. Em alguns momentos refletiram sobre os conceitos que foram trazidos pelos colegas e acrescentaram informações na construção de novos sentidos.

Vale pontuar que o próprio ato de pensar sobre as palavras e suas definições é uma oportunidade de levar as crianças a refletirem sobre a potência de analisarem o mundo que as

cercam, “tendo em vista que a emancipação é perceptível de um modo inteiramente consequente da conscientização por via da auto-reflexão crítica da realidade, não como uma categoria estática dada, mas como uma categoria dinâmica, como um vir a ser e não um ser.” (SOUSA et. al., 2015; p. 7-8). ”

A própria definição de “palavra” expressa o que elas entendem pela expressão verbal e oral, admitindo-se um sentido emancipatório do que significa fazer o uso da palavra como elemento de mudança. No entanto, precisamos ponderar que ao entender que a palavra implica uma transformação social por meio da leitura e da escrita, as crianças também podem relacionar a apreensão desse conhecimento como artefato cultural numa lógica que vem sendo reproduzida, dando a entender que existe uma hierarquia de ensino, em que algumas áreas de conhecimento são mais importantes que outras, invalidando os múltiplos interesses e aptidões infantis.

Não podemos excluir o caráter artístico e criativo na dinâmica de expressão do que as crianças pensam e conhecem sobre si mesmas e sobre o meio circundante. A espontaneidade das respostas denota a importância de praticarmos uma escuta atenta, sem interrupções e sem meios indutivos que desvalorizem o pensamento infantil. Precisamos entender que tudo que as crianças têm a nos dizer é importante. O reconhecimento do potencial criativo e cognitivo infantil se dá pela manifestação do interesse em conhecer as crianças em suas singularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ser a criança um sujeito social, que pensa, analisa e age sobre o meio, é interessante que a coloquemos em lugar de destaque nas práticas de ensino, dando visibilidade ao que pensam e refletem sobre o mundo.

A oralidade é um dos meios pelo qual a criança expressa suas percepções, desejos, interesses, sonhos e utopias. Abrir espaço para que ela verbalize o que sente e o que sabe sobre as relações que estabelece no meio e suas descobertas cotidianas é uma via para se construir uma educação que tenha sentido no reconhecimento das potencialidades infantis. Assim, essa construção, não deve ser uma mera repetição de processos pedagógicos, mas produções autênticas, em que cada uma seja respeitada e valorizada em sua individualidade.

As verbalizações infantis dizem mais que ideias sobre a vida, mais que signos, é a própria vida em percurso contínuo que segue uma lógica da fase em que cada criança se encontra. Naturalmente, as percepções que a criança tem hoje sobre o mundo não serão as

mesmas amanhã. Cada período da vida do indivíduo traz em si elementos que a caracterizam e constituem etapas sucessivas que constroem a aprendizagem em seu devido tempo.

O espaço para dialogarmos sobre o que pensam as crianças sobre si mesmas e sobre o mundo que as cercam foi potencialmente importante para entendermos a infância e suas nuances pela ótica infantil, partindo de um lugar que muitas vezes é ocupado pelo adulto, mesmo quando se faz pesquisa sobre a criança. Se colocar no lugar da criança que indaga sobre tudo, é transformador não só para a investigação, bem como para percebermos como é necessário refletir sobre o modo como conduzimos o ensino na Educação Infantil.

Analisar o que elas dizem com a mesma delicadeza com que escolhemos o referencial teórico, foi o que nos trouxe de maior êxito na pesquisa e nos leva a crer que precisamos alargar essa experiência com novas discussões que potencializam ainda mais o lugar da criança no seu próprio processo de aprendizagem.

Estamos realmente dando espaço para o protagonismo infantil fazendo com que as crianças participem ativamente da construção de sentidos sobre o mundo, ampliando suas possibilidades de inserção e participação nas diferentes práticas sociais? Se sim, que continuemos a partilhar esses saberes. Se não, que ampliemos as discussões a respeito dessa temática que se faz muito necessária na atualidade, principalmente por reconhecermos que a voz potente das crianças de hoje é instrumento de libertação e de emancipação social amanhã.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Emerson Tadeu Cotrim.; SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Diálogos entre Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: *A Palavraponte e a Palavravmundo*, face social de uso do signo. **Rev. Bras. de Educ. de Jov. e Adultos**. vol. 7, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/9850>. Acesso em 08 maio 2023.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF:MEC/SEB,2010.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Org. Jo Ann Boydston; Tradução-Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes- Selo Martins, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra; 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1991.

GERALDI, João Wanderley. Culturas orais em sociedades letradas. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, Dezembro; 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 08 maio 2023.



NARANJO, Javier. **A casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças**. Tradução: Carla Branco. Editora Planeta: 2ª ed; 2019.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução: Maria Alice Magalhães D' Amorim e Paulo Sergio Lima Silva - 24º Ed. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITARIA, 1999.

SOUSA, A. A.; AZEVEDO, A, P, L.; NERUA, L, E. Por uma educação emancipatória: da conscientização e libertação dos educandos. In: Francisco Ari de Andrade; Flávio Muniz Chaves; Luzianny Borges; Maria Simone Euclides. (Org.). **Educação brasileira Aporte e tendências**. 01ed.Curitiba: CRV, 2015, v. 01, p. 01-265.